



CORPO DE DELITO

A idade dos porquês (sobre jornalismo e justiça)

Dia sim, dia não, ou todos os dias, encontramos actos, elementos e termos de processos em segredo escarrapachados em jornais, telejornais e radiojornais; e nada acontece ou acontece muito pouco. Porquê?



Rui Patrício

A idade dos porquês vive-se na meninice – na das pessoas e na das nações. Depois passa, embora durante o resto da vida surjam – aqui e ali, e mais ou menos – outros porquês, pelo menos enquanto houver energia, interesse e coragem ou desassombro para tanto. Como é sabido, Portugal é uma nação antiga, uma das mais antigas, velha de séculos. Viveu há muito a sua idade dos porquês, talvez já nem dela se recorde, e a energia, o interesse e o desassombro também não abundam. Deve ser por isso que formulamos tão poucos ou nenhuns porquês a propósito de várias coisas. Elas acontecem, vivemo-las ou passam por nós, estão aí, metem-se-nos na vida individual ou colectiva, às vezes com muita intensidade, mas formulamos poucos porquês. Não fora isso e, por exemplo, sobre a relação entre jornalismo e justiça haveria porquês a formular. Ocorrem-me vários (embora talvez não tantos quantos se imporiam – a minha idade dos porquês também já passou e a inércia perguntadora da nação con-

tamina-me). Neste espaço de três mil caracteres cabem apenas dois.

Desde 2007, quando as leis penais foram revistas, que deixou de haver dúvidas de que qualquer pessoa, tenha ou não tido contacto com o processo, comete um crime de violação de segredo de justiça se divulgar o teor de actos de um processo que esteja sob segredo. O que (concorde-se ou não com a solução legal) se aplica também, e sem dúvidas, aos jornalistas. Não estão, obviamente, impedidos de investigar, mas, obviamente também, essa liberdade de investigar não é de investigar os elementos, os actos e os termos processuais e de os divulgar. O verdadeiro jornalismo de investigação – tão escasso entre nós quanto importante e necessário – significa

investigar matérias que também podem estar a ser investigadas em processos, não significa investigar o processo que está em segredo e querer olhar para dentro dele. Todavia, dia sim, dia não, ou todos os dias (em certos casos), encontramos actos, elementos e termos de processos em segredo escarrapachados em jornais, telejornais e radiojornais. E nada acontece ou acontece muito pouco, apesar de cada uma dessas divulgações constituir um crime. Porquê? Também não há dúvidas de que a lei proíbe e pune a divulgação do teor de escutas telefónicas. Mas elas aí estão, às escâncaras, dia sim, dia não, ou todos os dias (em certos casos). E acontece pouco ou nada, não é? Porquê?

Porquê? – deveríamos perguntar. Se a nação tivesse energia e interesse. E coragem, claro está, até porque a coragem, porque torna possíveis as outras, é a mais importante das qualidades. E, se fôssemos daqueles que cultivam o atrevimento e o voluntarismo da ciência do táxi ou daqueles que, à falta de melhor e/ou atraídos pela facilidade, se dedicam a raciocinar e a deduzir a partir de aparências ou a elevar provérbios, ditos e adágios (alguns com animais) à categoria de ciência certa, éramos bem capazes de responder assim àqueles porquês: então não se está mesmo a ver?!

**Como é sabido,
Portugal é uma nação
antiga, uma das mais
antigas, velha
de séculos**

**Viveu há muito a sua
idade dos porquês, e a
energia, o interesse e o
desassombro também
não abundam**

*Advogado
Escreve quinzenalmente ao sábado*